

Mauro Cavaliere*

O hipotexto de DUBY em Memorial do Convento

1. Introdução

É conhecida a dívida contraída por José Saramago com o historiador francês Georges DUBY. Nos *Cadernos de Lanzarote* o escritor português declarou o seguinte:

Morreu George [sic] DUBY. Ficaram de luto os historiadores de todo o mundo, mas sem dúvida também alguns romancistas. Este português, por exemplo. Posso mesmo dizer que sem DUBY e a “Nouvelle Histoire” talvez o *Memorial do Convento* e a *História do Cerco de Lisboa* não existissem (Saramago, 1999: 262).

E por outro lado, esta “permeabilidade”¹ já era conhecida há algum tempo. Num artigo publicado no *Jornal de Letras*, o escritor português se expressou nestes termos sobre o historiador francês:

não estava muito longe deste sentimento, suponho eu, o grande Georges DUBY, quando escreveu: *Imaginemos que...* [grifo original], na primeira linha de um dos seus livros (Saramago 1990: 19).

Em definitiva, a dívida de José Saramago para com o pensamento historiográfico de DUBY, assim como o historiador francês o expôs tanto em *O tempo das catedrais* como na entrevista concedida a Guy Lardreau (DUBY & Lardreau, 1980), é notória porque reconhecida várias vezes pelo escritor português.

As referências de Saramago limitam-se às obras de DUBY já mencionadas, mas não haverá a possibilidade que tal ‘permeabilidade’ se

* Università Roma Tre.

¹ “Permeabilidade e “permeável”, como termos opostos a “influência” e “influenciável”, são palavras utilizadas por Saramago e citadas por Berrini (1998: 230).

possa estender para além delas? A hipótese que coloco aqui é que tal influência talvez abarque mais uma obra de Duby, *Le chevalier, la femme et le prêtre* (1981), tecendo com ela uma múltipla relação hipertextual.

Deve-se notar que o livro de Duby foi publicado em França pouco antes da escrita de *Memorial do Convento*.² Esta obra, efetivamente, nunca foi traduzida por Saramago (só seria traduzida em 1988 por Cascais Franco). Não obstante, *Le chevalier, la femme et le prêtre* apresenta um número considerável de analogias fraseológicas, actancias e temáticas com *Memorial do Convento* ao ponto que, como vou sugerir, poderia ser considerado como um dos seus inúmeros hipotextos.

Não tendo à disposição outras evidências para além do cotejo textual aqui proposto, o objetivo desta comunicação limita-se a sugerir uma possível relação que poderá eventualmente ser aprofundada de outra forma.

2. Um indício que leva mais longe

Ao ler as primeiras páginas de ambas obras, saltam à vista, por exemplo, algumas analogias. O célebre *incipit* de *Memorial do Convento* (Saramago, 1994: 7) é, como todos sabem: «*D. João, quinto do nome na tabela real*». A formulação [**número ordinal + preposição “de” + nome**] também aparece nas primeiras páginas de *Le chevalier, la femme et le prêtre*: «*[le pape Urbain II] excommunia Philippe, premier du nom, roi de France*» (Duby, 1981: 8).

Naturalmente “primeiro do seu nome” e “primeiro da tabela real” são formulações bastante usuais e não há uma evidência direta de que tenha sido um empréstimo direto do historiador francês. Entretanto, é preciso fazer três considerações. A primeira é que, simplesmente, sendo notória a ‘permeabilidade’, poderá até haver consistentes motivos para ir buscar mais longe, mas nenhum para não considerar tal ocorrência num autor cuja influência sobre o escritor português é notória. A segunda, inspirada pelas pesquisas de Marc Angenot sobre o discurso social, refere-se à importância da reconstrução de contextos recentes (ou como diz Angenot, “sincrónicos”) como lugar onde podem ser detetadas rela-

² *Memorial do Convento* foi lançado a 4 de novembro de 1982 e escrito entre Janeiro e Julho do mesmo ano (Stöcker, 2022: 178).

ções transtextuais de todo tipo: «genres, des discours, des styles, des thèmes, des ‘idéologies’ d’une époque» (Angenot, 1989: 35). Com efeito, tendo em vista as teorias de Angenot sobre o discurso social, muito se tem feito, e poderá ser feito, para ler o texto saramaguiano à luz de uma teoria da transtextualidade,³ nomeadamente debruçando-se sobre a produção discursiva imediatamente anterior à escrita do romance, assim como sugere Angenot; o que não significa, naturalmente, não considerar produções discursivas mais afastadas no tempo. A relação entre discurso social e intertextualidade é ilustrada, por Angenot, neste trecho:

Les énoncés ne sont pas à traiter comme des monades, mais comme des «maillons» de chaînes dialogiques; ils ne se suffisent pas à eux-mêmes, ils sont les reflets les uns des autres, «pleins d’échos et de rappels», pénétrés des visions du monde, tendances, théories d’une époque. On devrait reprendre et développer ici les notions d’intertextualité (comme circulation et transformation d’idéologèmes, c’est-à-dire de petites unités signifiantes dotées d’acceptabilité diffuse dans une doxa donnée) et d’interdiscursivité (Angenot, 1988: 84).

Por outro lado, como já foi acertadamente apontado por Caravela (2012: 168), a rapidez da difusão da obra de Duby no Portugal pós-ditatorial é parte integrante de um programa de renovação cultural num país onde o ensino da História tinha sido funcional aos propósitos autoritários da ditadura.

Considero, portanto, que inspirado por Duby, José Saramago se inscreve num discurso social que, tentando renovar a cultura portuguesa, procura distanciar-se do discurso hegemónico do Estado Novo.

Finalmente, a terceira consideração que me leva ao cotejo entre a obra do romancista e do historiador é que a formulação utilizada tanto nas primeiras páginas de *Memorial do Convento* como de *Le chevalier, la femme et le prêtre*, funcionou simplesmente como um sinal que me induziu a continuar a leitura do livro de Duby, obra onde é possível detetar mais algumas analogias que vale a pena salientar.

Uma destas analogias, por falar em aspetos temáticos, é justamente o motivo da esterilidade de uma rainha, aludido no início do romance: «Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca» (Saramago, 1994: 7). Menciona-se aqui o

³ Ao contrário do que faz Angenot, refiro-me à noção de transtextualidade assim como foi desenvolvida por Genette (1982), onde a intertextualidade é apenas um dos casos possíveis de relações transtextuais. Entre elas, neste trabalho, assumem particular relevância as relações hipertextuais.

caso de presumida esterilidade de Maria Ana de Áustria.

O problema da esposa de D. João V irmana-a à esposa do monarca francês que protagoniza o começo do livro de Duby, Filipe I, (o qual, por sinal, tem mais ou menos a mesma idade de D. João V na abertura do romance): «Philippe à vingt ans avait épousé Berthe de Frise [...] pendant neuf ans, Berthe resta stérile. Elle priait. Enfin naquit un garçon, Louis, le futur Louis VI» (Duby, 1981: 10-11).

Para além disso, em ambos casos, trata-se apenas de uma esterilidade presumida e não real. Como se sabe, os boatos da corte, em *Memorial do Convento*, são desmentidos e D. Maria Ana fica grávida. Ou melhor, já o estava antes do início da narração, como sugere o narrador, sendo, no entanto, apenas os confessores da rainha a terem conhecimento disto: «Agora não se vá dizer que a D. Maria Ana, por segredos de confissão divulgados, souberam os arrábidos que a rainha estava grávida antes mesmo que ela o participasse ao rei» (Saramago, 1994: 22).

Também no caso de *Le chevalier, la femme et le prêtre*, mesmo que neste caso o narrador não aponte para fraudes, a tanto desejada gravidez da rainha, Berthe de Frise, deve-se a uma intervenção divina: «Le ciel avait entendu les supplications d'Arnoul, un reclus que l'on disait saint et que l'on venait consulter de toutes parts [...] pour problèmes de famille» (Duby, 1981: 11).

Concluindo, pode-se afirmar que, para além de o número progressivo na tabela real do monarca ser expresso da mesma maneira, já nas primeiras páginas de *Memorial do Convento* e *Le chevalier, la femme, et le prêtre*, temos dois tópicos compartilhados:

1. Um casal real (de uns 20 anos) que, apesar de ter sido casado há uns anos, não consegue ter filhos.
2. A intervenção de umas entidades (que se consideram) relacionadas com poderes superiores, faz com que, finalmente, a rainha dê um herdeiro à coroa.

3. Eixos temáticos: a oposição entre casais e os seus vetores temáticos

Já nos primórdios dos estudos saramaguianos, foi destacada a oposição actancial entre personagens que personificam determinados eixos temáticos.

Foi T. C. Cerdeira da Silva (1989: 75-85) que destacou uma série de oposições, entre as quais a dos casais *Baltasar & Blimunda vs. D. João V e D. Maria Ana*, sendo o primeiro expressão de um amor refratário a qualquer tipo de institucionalização e o segundo uma união funcional apenas à reprodução.

Com efeito, a união entre Baltasar e Blimunda é o resultado de uma cerimónia improvisada e quanto menos informal celebrada por Bartolomeu de Gusmão:

Aceitas para a tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem, fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu, e como Blimunda já tinha dito que sim antes de perguntada, Então declaro-vos casados (Saramago, 1994: 52).

O tema das uniões informais, isto é fora das convenções religiosas canónicas, é encarado também por Duby em *Le chevalier, la femme, et le prêtre*: «Dans le peuple, dont nous savons très peu, le mariage selon l'Église se substituait sans peine aux formes très profanes d'accouplement, au concubinage» (Duby, 1981: 54).

Baltasar e Blimunda, com efeito, vivem ao longo de muitos anos em uma forma de concubinação. Esta união livre foi julgada como um dos anacronismos típicos do romance histórico pós-moderno, todavia esta interpretação talvez mereça uma revisão porque, ao que parece, há elementos a indicarem que, pelo contrário, está baseada num conhecimento histórico objetivo e muito atualizado.

O tópico da conexão entre união livre e heresia, tão bem representado por Baltasar e Blimunda, é desenvolvido por Duby em outra passagem de *Le chevalier, la femme, et le prêtre*, onde se realça a dependência entre os dois fenómenos como direta expressão da resistência à autoridade da Igreja:

Au moment précis où, pour la défense de l'honneur ancestral, le contrôle de la nuptialité devenait plus rigoureux, on voit jaillir une contestation radicale du mariage [...] pour eux la contestation hérétique était un moyen de faire obstacle à l'ingérence de l'Église dans les procédures matrimoniales [...]. La secte orléanaise ... proclamait que «les noces ne doivent pas être faites avec la bénédiction, que chacun prenne celle qu'il veut, quelle qu'elle soit (Duby, 1981: 121-122).

Por outro lado, a associação de práticas heréticas (ou pelos menos anticonformistas num mundo dominado pelo conformismo contrarreformista) a determinadas classes sociais tinha sido apontada pelo historiador francês algumas páginas antes:

...l'hérésie fut aussi sans conteste l'une des formes que revêtit la résistance à l'implantation de la «féodalité», c'est-à-dire d'une nouvelle distribution du pouvoir. Elle rassemble ceux qui se sentaient opprimés, les paysans aisés, exclus de la chevalerie et soumis aux exactions seigneuriales, le peuple des villes qui se réveillaient de leur torpeur et, bien sûr, les femmes, plus étroitement contraintes, frustrées de leur droit par les males (Duby, 1981: 117).

Lendo com atenção, na parte final, o trecho citado também aponta para mais um eixo temático, ou seja, a associação de práticas heréticas (para além das classes sociais oprimidas às quais pertencem tanto Baltasar como Blimunda), com mais uma categoria social oprimida, isto é, as mulheres. A este propósito convém recordar que as práticas heréticas, como se constata no início de *Memorial do Convento*, são matrilineares, pois tanto Blimunda como a sua mãe, Sebastiana, são apontadas como ímpias, aparecendo a última entre os julgados do auto de fé em que Baltasar e Blimunda se conhecem (Saramago, 1994: 51-53).

Enfim, os protagonistas de *Memorial do Convento* bem representam estas categorias: Baltasar enquanto representante da classe trabalhadora e Blimunda em quanto mulher. São categorias sociais que, no romance, se opõem tanto à nobreza (*la chevalerie...*), representada pela família real, como à Igreja, representada pela Inquisição.

4. Marcas de subjetividade na escrita da História

Para além de vetores temáticos e diegéticos, há mais um aspeto que vale a pena destacar, isto é, algumas configurações discursivas que aproximam *Memorial do Convento* e *Le chevalier, la femme et le prêtre*. É preciso acrescentar que, neste sentido, a grande inovação ocorre no âmbito discursivo da historiografia e nomeadamente com Duby,

visto que o repertório discursivo da ficção goza tradicionalmente de liberdades inusuais na historiografia, pelo menos a partir de Otto von Ranke (Lozano, 1987: 181).

Ao que parece, as inovações de Duby são aproveitadas pela poética saramaguiana,⁴ sobretudo no que se refere à apresentação de personagens históricas. Trata-se de um procedimento ao mesmo tempo inovador quanto antigo, isto é, usual na historiografia medieval. No âmbito da lusitanística é ilustrável com a famosa frase de Fernão Lopes na *Crónica de D. João*, «Ora esguardai, como se fôsseis presentes». A expressão do historiador medieval é uma invitation a assistir aos eventos em direto, o que implica uma mudança de focalização, pois de uma perspetiva temporal ulterior se passa a uma simultânea – e, no uso do tempo verbal, passa-se do pretérito ao presente. Menciono, a título exemplificativo, dois trechos que aparecem nas primeiras páginas de ambos os livros:

D. João [...] irá esta noite ao quarto da sua mulher [...] já se murmura na corte [...] e ainda agora a procissão vai na praça. Além disso, quem se extenua a implorar ao céu um filho não é o rei, mas a rainha [...] [o rei] duas vezes por semana cumpre vigorosamente o seu dever real e conjugal [...] como se espera de um homem que ainda não fez vinte e dois anos (Saramago, 1994: 7-8).

A l'automne de l'année 1096, le pape Urbain II est en Auvergne [...] Il s'y sent à l'aise [...] là se déploie, en pleine efficacité (Duby, 1981: 7).

Como se vê, o tempo preferido por ambos autores é o um presente (histórico) que coloca o leitor no mesmo plano (no caso de Saramago até é usado o futuro indicativo na primeira oração).

Trata-se de uma estratégia retórica muito comum, pelo menos no romance. O que é preciso acrescentar aqui é o facto de que seja um historiador, não um romancista, a utilizar esta estratégia retórica, que é perfeitamente normal na ficção. No entanto, o que pretendo destacar é que se trata de um recurso discursivo que aponta para a subjetividade de historiador, uma abordagem que inspira o edifício romanesco saramaguiano da década de 1980.

⁴ Este aspeto é desenvolvido nos artigos de Caravela (2012) e Brauna (2019).

5. *A nova trindade*

A heresia é, sem dúvida, um dos tópicos principais de *Memorial do Convento*. Podem-se citar, a título de exemplo, os trechos narrativos que descrevem a passarola ao levantar voo, onde os três protagonistas, os três Bês, são definidos como uma trindade:

Bartolomeu Lourenço de Gusmão agarrara-se a um dos prumos que sustentavam as velas, e assim pôde ver afastar-se terra a uma velocidade incrível [...] Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu (Saramago, 1994: 192-193).

Vemos aqui representados os protagonistas do romance de José Saramago, a personificação de um inconformismo que deslinda em práticas heréticas. A tentação de associar estas três personagens com as categorias sociais que dão o título à obra de DUBY, *Le chevalier, la femme et le prêtre*, talvez seja ilegítima, mas é irresistível. Entretanto, se “*la femme*” e “*le prêtre*” encaixam bem com as figuras de Blimunda e Bartolomeu de Gusmão, poderá haver alguma reserva sobre “*le chevalier*”. É de facto um termo que, pouco antes, utilizei para referir-me à classe social oposta à de Baltasar. Não obstante, não se deve esquecer que Baltasar aparece nas primeiras páginas do romance como veterano de guerra e protagonista de uma contenda que o leva a matar um ladrão, o que parece uma transfiguração (pós)moderna do motivo do duelo no romance histórico romântico (Cavaliere, 2002: 194-195): o sema bélico não é, por isso, completamente alheio ao protagonista, conotando-o já no início.

Finalmente, também se poderá observar que o livro de DUBY trata de uma época muito distante (final do século XI) em relação àquela que é representada no *Memorial do Convento* (primeira metade do século XVIII). Entretanto, talvez valha a pena apontar que, apesar da distância de séculos, o escritor desejou destacar a persistência, em Portugal, de instituições pré-modernas. A incumbência, no romance, de instituições repressivas como a monarquia absoluta e a Inquisição não impedem – pelo contrário, autorizam – a transferência de determinados núcleos temáticos que, originariamente, em DUBY, se referiam a uma época afastada, especialmente caso se queira representar o reinado de D. João V, como o (último?) reduto da Idade Média.

Referências bibliográficas

- Angenot, M. (1988). Pour une théorie du discours social: problématique d'une recherche en cours. *Littérature*, 70, 82-98;
- Angenot, M. (1989). L'art comme aristocratie et comme religion: l'idéologie du champ littéraire en 1889. *Cahiers de recherche sociologique*, 12, 35-50. <https://doi.org/10.7202/1002056ar>;
- Berrini, B. (1998). *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Caminho;
- Brauna, J. Dércio (2019). A trama se cruzou com a urdidura: a ficção de Saramago e o encontro com a história segundo Duby. *Em Perspectiva*, 5 (1), 262-282:
- Caravela, C. (2012). José Saramago traducteur de Georges Duby: un temps d'apprentissage pour le futur romancier. *Diacrítica* (CEHUM, Série Ciências e Literatura), 26 (3), 163-184;
- Cavaliere, M. (2002). *As coordenadas da viagem no tempo*. Stockholms universitet (tese de doutoramento);
- Duby, G. (1981). *Le chevalier, la femme et le prêtre: le mariage dans la France féodale*. Paris: Hachette;
- Duby, G. & Lardreau, G. (1980). *Dialogues*. Paris: Flammarion;
- Genette, G. (1982). *Palimpsestes*. Paris: Seuil;
- Lozano, J. (1987). *El discurso histórico*. Madrid: Alianza Editorial;
- Saramago, J. (1989). Sobre a invenção do presente. *Jornal de Letras*, 9 (377), 45;
- Saramago, J. (1990). História e ficção". *Jornal de Letras*, 10 (400), 17-20;
- Saramago, J. (1994 [1982]). *Memorial do Convento*. Lisboa: Eds. Reunidos;
- Saramago, J. (1999). *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras;
- Silva, T. C. Cerdeira da (1989). *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de Portugueses*. Lisboa: D. Quixote;
- Stöcker, B. (2022). *Memorial do Convento: uma proposta de Roteiro de Leitura*. São Paulo: Editora Dialética.